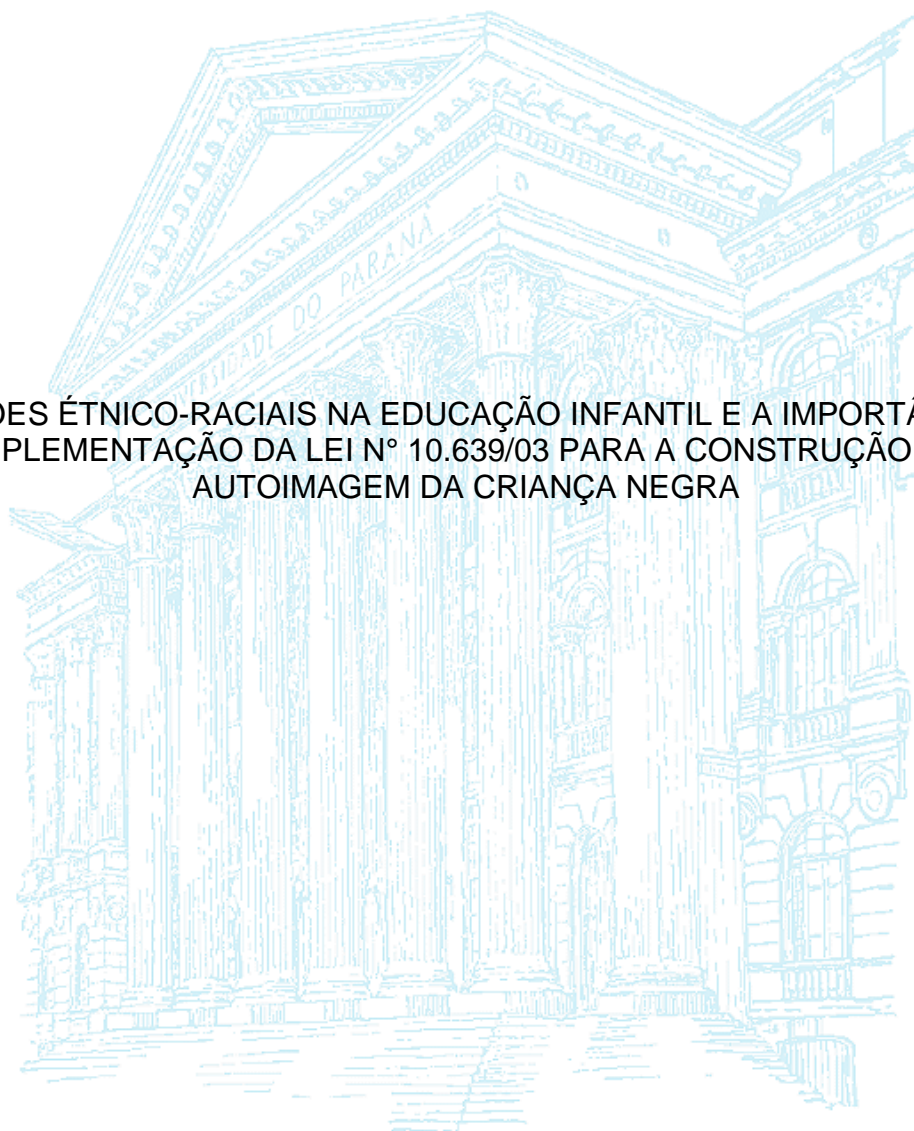


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANIELY COSTA LINDOZO

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA  
IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 PARA A CONSTRUÇÃO DA  
AUTOIMAGEM DA CRIANÇA NEGRA



ITAJAÍ  
2016

DANIELY COSTA LINDOZO

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA  
IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 PARA A CONSTRUÇÃO DA  
AUTOIMAGEM DA CRIANÇA NEGRA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Silma Côrtes da Costa  
Battezzati

ITAJAÍ  
2016

# RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A IMPORTÂNCIA DA IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTOIMAGEM DA CRIANÇA NEGRA

**Daniely Costa Lindozo<sup>1</sup>; Silma Cortes da Costa Battezzati<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Pós-graduanda em Gênero e diversidade na escola-UFPR; E-mail: dannyfumezinha@gmail.com

<sup>2</sup> Possui Doutorado em Comunicação Social (Processos Comunicacionais e Inovações Tecnológicas Digitais) pela UMESP. Mestrado em Educação (Formação de Professores e Tecnologias Educacionais Digitais) pela PUCPR. Especialização em Magistério Superior e Licenciatura Plena em Pedagogia - Docente na UFPR/Setor Litoral - Graduação e Pós-graduação - presencial e a distância - silmaufpr@gmail.com

**Resumo:** Neste trabalho procurei abordar um tema atual, que é a necessidade do cumprimento da lei 10.639/03 na Educação Brasileira. Busquei verificar ações implementadas pelos professores da Educação Básica, para que as crianças conheçam diferentes etnias e, desde cedo, aprendam a lidar com as diferenças étnicas para compreenderem a cultura afro-brasileira desde a Educação Infantil. Esta pesquisa buscou investigar as relações étnico-raciais entre crianças da Educação Infantil no município de Penha –SC, levando em conta os conceitos prévios que a maioria tem e aprende a respeito dos negros através das mídias, e qual imagem as próprias crianças negras fazem de si quando se deparam com personagens negros na condição de submissos ou estereotipados. Fato que, muitas vezes é de maneira imperceptível, assim levando-as a negar sua condição de afrodescendentes.

**Palavras-chave:** autoestima; cultura africana; Educação Infantil; relações étnico-raciais

**Abstract:** This study was made to emphasis on a current topic, which is the need to comply with the Law 10.639 / 03 of the Brazilian education. I sought to verify the actions taken by basic education teachers in order to teach the children about the different ethnicities so that they learn to deal with ethnic differences from an early age. The goal is to demonstrate the importance of working with both the African - Brazilian culture as early as in kindergarten. This research aimed to investigate the ethnic-racial relations among children from kindergarten in the City of the Penha in Santa Catarina state and for this, previous concepts had to be taken in account. The fact that most children learn about the Afro population through the media, as well as the image that the children of black ethnic population have of themselves when they encounter other black people in submissive condition, stereotyped. All the above will, often imperceptibly, cause them to deny their African descent.

## INTRODUÇÃO

A Escola, onde grande parte das relações sociais ocorrem, é um lugar onde o preconceito e o racismo são presenciados em diversas situações. Este tipo de acontecimento deveria ser um dos pontos de partida para que os educadores

realizassem atividades sobre a História da África e da Cultura Afro-brasileira, cumprindo assim, a lei federal 10.639/03 que exige a abordagem do tema na Educação Básica, mas que na prática não é aplicada de maneira eficaz, pois mesmo com a vigência dessa lei ainda há muita resistência por parte de muitos profissionais da educação para trabalhar tais assuntos com crianças menores e até mesmo as maiores, embora seja uma medida importante a ser tomada desde a Educação Infantil.

É na educação infantil que as crianças aprendem os primeiros princípios éticos de cidadania, logo se torna importante inserir valores que são de grande ajuda para o combate do preconceito e para a formação de cidadãos conscientes e tolerantes.

As crianças brasileiras todos os dias são bombardeadas por comerciais, novelas que mostram o biótipo genuinamente europeu, até mesmo nas histórias infantis tais estereótipos estão presentes. Com isto muitas acabam tomando para si essa ideia de beleza como a ideal, aquela que é plenamente aceita pela sociedade, e acabam, de certa forma, utilizando esses modelos estereotipados como fundamentais para escolha do amiguinho com o qual vão brincar ou conversar. Esses tipos de situações acabam despertando nas crianças negras o desejo de serem brancas, como afirma Souza (2002) em seu livro intitulado “Crianças negras: Deixei meu coração embaixo da carteira”, no qual aponta que muitas crianças negras brasileiras revelaram o desejo de não serem negras e terem cabelos lisos ao se compararem com os personagens das histórias infantis, reforçando e evidenciando a negação de sua condição racial.

As crianças apontadas por Souza (2002) e citadas no livro apresentam em suas relações muitas atitudes discriminatórias e algumas vezes utilizando práticas do senso comum que podem reforçar o racismo.

Com base nas análises feitas pelas autoras Oliveira e Abramowicz (2010) no artigo denominado ‘Infância, Raça e “Paparicação”’, percebe-se que o tratamento recebido em muitas escolas por crianças negras não é tão carinhoso quanto a atenção dedicada as crianças brancas, denominadas “bonitinhas”. O estudo também aponta que, geralmente, os alunos denominados pelos professores como furacões são na maioria das vezes, menino em especial negros, o que pressupõe uma ação preconceituosa por parte dos educadores. Sendo assim:

[...] as crianças negras vivenciam em seus cotidianos, relações intersubjetivas com as demais crianças e educadores, enfrentando práticas sociais racistas e estereotipadas sobre o seu próprio grupo social. Essas relações preconceituosas são significantes no processo de constituição das singularidades infantis e necessitam ser estudadas com atenção no âmbito das relações educativas. ” (GAUDIO.p.29).

Considerando sua popularização entre grupos de pessoas de diversas etnias, pode-se dizer que a mídia televisiva é hoje uma das grandes responsáveis pela forma como as pessoas enxergam e determinam padrões de beleza, pois apresenta, notadamente no contexto das novelas, a ideia de que os negros só devem ocupar cargos menores na sociedade, como empregados por exemplo. Como afirma Araújo (2000, p. 308) assim o negro das telenovelas é visto como “suportando a humilhação por sua origem impura e buscando evitar as referências à sua condição de mestiço”. Embora e infelizmente este seja um cenário presente em muitos diferentes contextos, entende-se que todas as crianças negras têm direito a se sentirem bem e

com sua autoestima elevada em qualquer circunstância ou conjuntura social. Deve ter o direito de ser conhecedora e de valorizar suas verdadeiras origens, como tão bem enfatiza Ribeiro (2002, p. 150): "Crianças brasileiras de todas as origens étnico-raciais têm direito ao conhecimento da beleza, riqueza e dignidade das culturas negro-africanas."

Na mesma linha de pensamento os autores Costa e Santos (2003) expõem a necessidade de se caracterizar e reconhecer que:

[...] as salas de pré-escola e classes iniciais devem ser de fato um ambiente prazeroso, onde são oferecidos e trabalhados todos os tipos de materiais para que, através da observação, comparação, classificação e reflexão, as crianças possam descobrir a importância da cultura, das manifestações artísticas, das crenças, rituais afro-brasileiros, procurando se apropriar delas, e assim, construir conhecimentos históricos importantes para a própria luta social. (COSTA; SANTOS, 2009,P.3.)

Portanto, ao se considerar os apontamentos dos autores até aqui citados, entende-se que é necessário e importante que os educadores trabalhem temáticas relacionadas à diversidade étnico-racial desde a Educação Infantil, pois se a criança for preparada e instruída corretamente desde a primeira infância será um adulto livre de preconceitos.

## **OBJETIVOS**

Os objetivos gerais e específicos deste estudo são apresentados a seguir.

### **OBJETIVO GERAL**

Investigar as relações Étnico-raciais entre crianças que frequentam a Educação Infantil no Município de Penha-SC, visando conhecer o comportamento das mesmas ao interagirem com seus colegas de diferentes etnias e analisar os conceitos prévios que essas crianças têm a respeito das diferenças para determinar a visão de beleza que constroem por influência dos estereótipos embutidos em bonecas, livros e desenhos animados.

### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Demonstrar a necessidade de as escolas trabalharem os conteúdos relacionados a Lei Nº 10.639/03 e avaliar sua importância para autoaceitação das crianças negras dentro da sua condição racial.
- Avaliar como as crianças reagem às diferenças étnico-raciais.
- Determinar e compreender a autoimagem que crianças negras inseridas no ambiente pesquisado constroem sobre si mesmas.
- Determinar a ideia de beleza já enraizada em crianças de pouca idade.
- Analisar as tentativas que a escola faz para oportunizar o relacionamento de todas as crianças sem distinção de cor ou quaisquer outras diferenças, dando enfoque a importância da cultura Afro-Brasileira desde a Educação Infantil.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa foi realizada considerando as referências empregadas no estudo exploratório, aqui explicadas por Gil (2002)

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torna-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descobertas de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. (GIL.p.41)

Considerando os vários aspectos relativos ao fato estudado, recorreu-se ao método qualitativo para análise, aprimoramento de ideias e descobertas sobre as relações étnico-raciais na educação. Portanto, a pesquisa foi desenvolvida por meio de estudos e análises bibliográficas a respeito do tema “Relações étnico-raciais na Educação Infantil”. Tais análises também consideraram as questões relevantes e relativas a Implementação da Lei 10.639/2003 nas escolas brasileiras.

Assim, a pesquisa foi desenvolvida em um Centro de Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino da cidade de Penha- SC cujo o nome não será citado por questões éticas, com o objetivo investigar como são as relações Étnico-raciais entre crianças na faixa etária entre 4 e 6 anos. Os conceitos prévios das crianças acerca dos quesitos estéticos também foram observados para se saber de que forma a criança negra se vê dentro deste contexto.

O período dedicado a pesquisa foi de 3 semanas, quando diariamente, as crianças foram observadas e acompanhadas, em outras palavras, nesse tempo o estudo contemplou a observação sistemática em todas as salas de aula; análises de todos os tipos de figuras e bonecas presentes em sala, buscando captar atividades onde a utilização das mensagens visuais que representem igualdade ou até mesmo maneiras de familiarizar as crianças com o que consideram diferente.

Em busca de resultados para análise, foi realizada uma atividade com recortes de revistas visando compreender a ideia de beleza já criada pelas crianças observadas. Todos os relatos de campo onde aparecem diálogos os nomes dos personagens foram alterados para preservação da identidade dos mesmos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Desde cedo, no ambiente escolar ou fora dele, devido as facilidades de acesso as mídias, as crianças têm contato com a figura dos negros como inimigos, coitados ou personagens negativos, dependentes e incapazes, com o dever de servir aos brancos.

Nas instituições de educação infantil, onde as primeiras relações sociais acontecem, as crianças se deparam com diferentes tipos de pessoas das mais variadas particularidades. São nestes ambientes de desenvolvimento cognitivo e social que se faz necessária a intervenção direta dos educadores para estimular a convivência

harmônica e sadia na escola, pois é através da convivência que as crianças formam sua identidade e constroem sua própria imagem, de forma positiva ou negativa de acordo com o que vivencia todos os dias.

[...] a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro. Nosso “eu” é produto de muitos outros que o constituem. Esses “outros”, nos primeiros anos de vida, com frequência são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído a ele e ao corpo dos coetâneos, e construindo sua auto-imagem, seu autoconceito. Assim, podemos concluir que o estágio em que está o adulto, no que diz respeito a sua identidade racial e sua percepção sobre diferenças raciais, é elemento importante no cuidado com a criança. (BENTO, 2012, p. 112).

Muitas vezes inconscientemente as relações na escola reforçam a distorção da autoimagem da criança negra, fazendo com que a sua autoestima fique baixa. Para se deixar de lado a história na qual o negro quase sempre aparece como um ser inferior e feio, novas leis e regras, que devem ser colocadas em prática pelos educadores, foram instituídas pelos governos federal, estaduais e municipais na tentativa de se eliminar o preconceito e a desigualdade étnico-racial nas escolas do país. Um dos recursos que deve ser conhecido e exercitado pelos educadores é a Lei Federal 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9.394/96, que determina a obrigatoriedade de os currículos contemplarem conteúdos sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, ou seja, tais assuntos devem ser ensinados tanto em estabelecimentos de ensino Públicos quanto privados.

Ciente desta obrigatoriedade iniciei observação em uma turma do Pré-III, que contempla crianças de 5 e 6 anos de idade. Algumas crianças já haviam sido meus alunos, então a interação ocorreu de maneira tranquila. Passando-se poucos dias do início da observação resolvi fazer uma experiência com as crianças, então contei com o auxílio da professora regente a quem pedi que aplicasse uma atividade especial para que eu pudesse analisar a reação das crianças brancas e, principalmente, negras quando se trata de beleza. Para que as crianças participassem à vontade e não houvesse qualquer tipo de influência causada pelo fato de eu ser negra, a professora regente realizou a atividade com sua turma. Ofereceu aos alunos recortes de revistas com diversos tipos de mulheres, e entre essas mulheres apenas uma mulher negra para casa mesa. As crianças foram instruídas a escolher quais eram as mais belas.

Conforme apontam minhas anotações onde os nomes verdadeiros foram alterados para proteger a identidade das crianças: a maioria delas não teve dificuldade para escolher a mulher que na sua opinião era a mais bela. Em seguida a professora passou de mesa em mesa perguntando o motivo pela qual haviam escolhido determinada imagem, neste momento pude perceber que em apenas uma das mesas uma mulher negra foi escolhida. As crianças da primeira mesa quando indagadas sobre por que não haviam escolhido a mulher negra disseram que gostaram mais das outras, e quando a professora perguntou para Violeta, que é negra porque não escolheu a moça negra que lembrava sua mãe, Violeta respondeu mostrando a imagem de uma modelo branca de cabelos lisos:

- Essa é mais bonita!

A professora foi para a outra mesa e contente observou que a imagem de uma modelo negra havia sido escolhida. Depois que cada uma das crianças falou sobre

suas escolhas chegou a vez de Hortência que é branca de cabelos lisos, que animada disse:

- “Eu escolhi essa porque o cabelo dela é enroladinho e muito lindo, eu queria ter um cabelo assim. ”

A professora continuou seu trajeto até a próxima mesa, na qual percebeu que durante a distribuição das imagens houve um pequeno erro, não sobrou nenhuma imagem restando exatamente e apenas uma para cada aluno.

Percebi que Rosa, uma das alunas da mesa, estava um tanto incomodada com sua imagem, dizendo baixinho:

-Eu não gostei dessa. Enquanto a professora perguntava para as outras crianças sobre suas escolhas, percebi que Rosa retirou sua tesoura da mochila e recortou a imagem que havia no verso e mostrou animada para a professora dizendo:

-Eu gostei dessa aqui professora.

Nesse instante a professora olhou para ela e disse:

- A imagem era essa aqui, dessa moça negra e não era para recortar, porque você não gostou dela?

-Porque ela é...porque não gostei, gostei mais da outra.

A professora percebeu que ela hesitou em dizer que não havia gostado porque era negra e olhou-me como se quisesse ter certeza de que eu tinha entendido a reação da menina, e dizendo:

- Isso é preocupante.

Na última mesa, havia Jasmim, que é negra, e dois meninos brancos. Jasmim mostrou a sua figura empolgada. Uma mulher loira de cabelos lisos e pele clara. A professora perguntou:

- Jasmim porque você escolheu essa mulher?

Jasmim respondeu:

-Porque ela é branca e tem o cabelo loiro professora. Assim é mais bonito.

A professora então se dirigiu aos meninos, que disseram não gostar de nenhuma das mulheres. Então ela quis saber o motivo deles não gostarem de cada uma. Quando se tratou das mulheres brancas eles apenas disseram que não acharam bonita, e quando a professora perguntou sobre a imagem da negra, eles logo quiseram encontrar um motivo. Um deles disse:

-O cabelo dela é feio, e ela tem o dente amarelo.

Apontando para o perfeito sorriso da modelo. Nesse momento interferi e disse:

- O sorriso dela é muito bonito e não é amarelo.

Então continuaram a encontrar defeitos para justificar a não escolha.

(Diário de campo 26/10/15)

Essa concepção nos remete a ideologia do branqueamento, assumindo “o homem branco” como referência e modelo universal da humanidade. Em contrapartida, presenciamos um processo de construção negativa em relação à autoimagem das populações negras, carregada de visões estereotipadas acerca de seus modos de ser e viver. (GAUDIO; ROCHA, 2013,p.44)

Após a realização dessa atividade é importante levar em consideração que a criança reproduz o que aprendem durante os relacionamentos familiares e, também, através dos meios de comunicação que passam a ideia de uma beleza que gira em torno da “branquitude”, padrões que a criança se apropria como modelo para escolha de seus amigos e até mesmo como um padrão de comparação consigo mesma. Portanto, o



papel da escola como afirma Heloísa Pires Lima (2000) é “positivar o lado negro de cada criança, positivar o passado escravo, através das histórias de resistências ou de simples amostras de ilustrações de personagens negros”. (LIMA, 2000, p.121).

Ao decorrer da semana reparei que a professora era muito cuidadosa em trabalhar as diferenças com a turma, tanto no âmbito racial quanto no da Educação Especial, pois na sala havia um aluno com necessidades especiais.

Durante as atividades dirigidas no pátio, reparei que uma criança chamada Íris com certa resistência em brincar com as crianças negras, com o aluno especial e com os coleguinhas que estavam um pouco acima do peso.

A professora iniciou uma brincadeira em equipe e começou a divisão dos times. Ressaltando que os nomes aqui utilizados são fictícios.

Iniciou chamando duas crianças Íris e outra menina chamada Margarida para a formação dos times. Neste momento um fato em especial me chamou a atenção, foi quando a Professora chamou o nome Violeta (menina negra) para o Time de Íris, que não fez questão de esconder seu descontentamento, fechando a expressão.

Depois, ao conversar com a professora, ela me relatou o seguinte:

“- Há algum tempo atrás Violeta passou a reclamar que as outras crianças não queriam brincar com ela, eu imaginei que fosse por Violeta algumas vezes fazer algumas travessuras. Mas de tanto Violeta reclamar passei a prestar mais atenção e percebi que nenhuma criança brincava com ela a não ser sua coleguinha Dália, e percebi que as duas passaram a brincar sozinhas por muitos dias, até que reparei Clara interrompendo várias vezes a brincadeira das duas. Depois de alguns dias recebi a visita do pai de Dália que veio contar que a filha havia dito aos pais que Íris a estava incomodando, dizendo que não era mais para ela brincar com Violeta porque ela era suja e que não era amiguinha para brincar. ” (Relato da professora F.)

“A partir do ocorrido a professora passou a proporcionar ainda mais momentos de interação entre as crianças, levou bonecas diferentes para sala de aula e, principalmente, passou a contar histórias que pudessem retratar a cultura negra ou falassem sobre aceitação do outro. Percebi também que na sala, muito enfeitada e colorida, havia bonequinho negro, branco, gordinho e magrinho, símbolos das mais variadas diferenças. ” (Diário de campo 29/10/15)

As atitudes tomadas pela professora servem de grande exemplo para a maioria dos educadores que deixam situações como estas passarem despercebidas, sem que tomem atitudes como, fazer da literatura um grande meio de conhecer outras culturas para melhor aceitação das pessoas que convivem a seu redor pois como afirma Zilberman (2003) “o educador deve adotar uma postura criativa que estimule o desenvolvimento integral da criança. ” (ZILBERMAN, 2003, p.16)

## **A CRIANÇA NEGRA E SUA AUTOIMAGEM**

Durante o período de observação, pude ver algumas salas do CEI e constatar que poucas professoras tiveram sensibilidade para montar painéis utilizando estratégias que contemplassem a diversidade. Porém o que mais me chamou a atenção foram as salas de duas turmas de berçário, onde além de anjos costumeiramente representados por cabelos loiros e encaracolados, também haviam anjos negros. Na turma onde as crianças têm de 0 a 2 anos de idade foi visível a interação de todas as crianças livremente, ora dançando em pares, ora brincando de roda e sem vivenciar aquele momento que a maioria das crianças negras sofrem - “na hora de dar as mãos para brincar de roda”.

Já nas turmas de crianças maiores não foi assim, pois muitas vezes os professores não estão preparados para lidar corretamente com essas situações como afirma Nunes (2012):

Muitas professoras não sabem o que fazer e simplesmente "deixam para lá", alegando que esta seria apenas uma questão de afinidade e que nada tem a ver com a aprendizagem de práticas preconceituosas. A partir do momento em que as professoras tem uma formação específica sobre relações raciais e educação, esse olhar muda e elas percebem que as crianças manifestam preferências de amizade também a partir de uma ótica racial. (NUNES. p.3)

Momentos como esse fazem com que a criança negra se sinta inferior, diferente das outras, construindo uma imagem errada de sua identidade racial e, na maioria das vezes, envergonha por ser negra.

Na sala do Pré III, onde foquei meus estudos, uma vez por semana uma professora é recebida para realizar atividades diferenciadas, e as crianças acabam ficando mais à vontade em alguns momentos. Neste dia a professora promoveu uma brincadeira e montando um salão de beleza. Diante deste momento permaneci atenta a todos os gestos de cada criança, conforme descrito abaixo.

“Todas as crianças gostaram da ideia do salão de beleza, os meninos um pouco menos empolgados do que as meninas. Todas elas entusiasmadas em arrumar o cabelo da colega. Violeta estava de cabelo muito amarrado como todos os dias, cheia de tranças. Então Violeta passou a maior parte do tempo penteando o cabelo das colegas. Para que Violeta também fosse arrumada pelas colegas a professora soltou as tranças para mostrar a ela que o cabelo dela também era bonito e que ela também poderia brincar. Percebi o imenso desconforto que a menina tinha a respeito de seu cabelo, e antes que eu pudesse lhe dizer que seu cabelo era bonito ouvi ela falar: - Professora, amarra o meu cabelo? ”

(Diário de Campo 22/10/2015)

A vergonha sentida por Violeta, expressando seu desconforto e rejeitando sua própria imagem acontece, possivelmente, pela falta de diálogo da família, e também por não se sentir inclusa nos padrões de beleza europeu impostos pela sociedade. Por isso é importante que se faça cumprir a lei 10.639/03, que tem grande valor para a difusão da literatura africana nas escolas, por instituir um lugar no currículo das escolas para tratar da História da África, do movimento migratório, das especificidades culturais do continente dentre outros aspectos. Medida que oportuniza a concepção de imagens positivas em relação ao negro como apresentado pelo Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (1998, p.41) que afirma que:

Para que seja incorporada pelas crianças a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas (BRASIL,1998, p.41)

Esse contato da criança com histórias que façam ela se reconhecer como parte integrante de um determinado grupo é muito importante, como afirma Roberta Bencini em sua matéria na revista Nova Escola.

Na Educação Infantil, o primeiro desafio é o entendimento da identidade. A criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. Por isso, deve ser cuidadosa a seleção de livros didáticos e de literatura que tenham famílias negras bem-sucedidas, por exemplo, e heróis e heroínas negras. (BENCINI,2004, p.51)

A partir daí o educador consegue através dessas estratégias fazer com que a criança melhore sua autoestima e se aceite como negra, ajudando também aos colegas a conhecerem diferentes culturas, e crescerem convivendo de forma harmoniosa com as diferenças.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A criança negra que convive em meio a relações que acabam sendo deixadas de lado pelos colegas, tratadas com inferioridade ou até mesmo pelo fato de não serem instruídas e encorajadas a respeito de suas características pelos pais, acabam tendo problemas de autoaceitação étnica e demonstram dificuldades na construção de uma autoimagem positiva.

Durante o estudo pude presenciar alguns momentos onde ficaram visíveis a influência das mídias e da sociedade quando se tratou o tema “beleza”, quando a maioria expôs claramente sua preferência por cabelo liso e pele clara.

Portanto, o educador tem obrigação de atuar como agente transformador dessa realidade, oportunizando momentos de interação entre os alunos, contando histórias da cultura africana, desenvolvendo os conteúdos previstos pela lei LDB 10.639/03 e, assim, possibilitar ao aluno negro a capacidade internalizar conceitos positivos em relação a si próprio e a comunidade da qual faz parte, ajudando na construção de sua Identidade étnica.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha Família

A Instituição de Educação Infantil que permitiu minha pesquisa.

A minha Orientadora Silma Côrtes da Costa Battezzati pelo suporte em pouco tempo que lhe coube e pelo grande incentivo.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte deste processo de pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, J. **A negação do Brasil**. São Paulo: Senac, 2000.

BENICINI, Roberta. Educação não tem cor. **Nova Escola**. Abril ,ano XIX, n.277, nov, 2004

BENTO, Maria Aparecida Silva. **A identidade racial em crianças pequenas**. In: BENTO, Maria Aparecida Silva. **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: Aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades - CEERT, p. 98-114, 2012.

BRASIL, Referencial curricular nacional para educação infantil. **Formação pessoal e social**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Brasília,1998.

CAVALLEIRO, ELIANE. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014

GAUDIO, Eduarda Souza. **Relações sociais na educação infantil: dimensões étnico-raciais, corporais e de gênero**. 242f. Dissertação (Mestrado) – PPGE, Universidade Federal de Santa Catarina, 2013.

GAUDIO,Eduarda Souza; ROCHA, Eloísa Acires Candal. **Relações Étnico-raciais num contexto de Educação Infantil-Momentos**,v. 22, n. 1, 2003.

GIL, Antônio Carlos, 1946- **Como elaborar projetos de pesquisa/Antônio Carlos Gil**. - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

LIMA, Heloísa Pires. **Personagens negros. Um breve perfil na literatura infanto-juvenil**. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.). **Superando Racismo na escola**. Brasília: MEC, 2000.

OLIVEIRA, Fabiana; ABRAMOWICZ, Anete. **Infância, raça e “paparicação”**. Educação em Revista, v. 26, n.2, 2010.

PINTO, R. **A representação do negro em livros didáticos de leitura**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 63, p. 88-92, nov. 1987.

SANTOS, Anderson Oramísio; COSTA, Olga Helena. **Relações Étnico-raciais na Educação Infantil: Implementação da Lei 10.639 - 2003**

SOUZA, Yvone Costa de. **Crianças negras: deixei meu coração embaixo da carteira**. Porto Alegre: Mediação, 2002.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.